

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
N.º 11
Travessa do Cavallero
1.º andar
NUMERO AVULSO
400 réis

O RIO-NÚ

PERIODO DE SEMANA
CAUSTICO
HUMORISTICO
A parca e satirica
NUMERO ATRAZADO
200 r. - 10

COLLABORADORES

Sachristão, Beck, Le Petit, Repetto, D. Salam, Maria L.
Dasilva, Lucas Taravara, Fiel K. Baco, Gláris Bata, E. Esosa,
Ricardo, Julião, Valdeimar, Bipaolo, Dona Fina, Mano
Gregorio Junior, Theozes a. Costa, Beck-Dier, Mano
Cristo Mathias.

DIRECCÃO

Heitor Quintanilha, Gil Moreno
e Vaz Simão

Assignaturas para a Capital e Estados

Table with subscription rates: Annuo 12\$000, Six meses 6\$000, Estrangeiro annuo 35\$000

QUARTO CONCURSO

Resolvemos abrir permanentemente um
concurso quinzenal para trabalhos em
verso e trabalho em prosa. Os trabalhos em
prosa nunca devem exceder a um
alínea de milenta linhas sem ser adjectiva
a queirida. De em verso um maximo de
seisenta e um versos de dote. Os trabalhos
de dote devem ser classificados em
primeiro lugar pela sua estylo, para em
segundo, entre os versos terço um primeiro
de dote.

VINTE MIL RÉIS

Todos os originaes devem ser enviados
com um pseudonymo e a um envelope
fechado, e parte, accumulando-se a
classificação de pseudonymo, da verificação
do nome do autor, residência e do titulo do
trabalho, em parte externa do envelope.
Os trabalhos publicados sob o nome de
pseudonymo que forem rejeitados, sendo
entretanto respeitadas as condições que
seem nas declarações pedidas, e que se
rejeição alguma não for feita, a publicação
dos trabalhos.

Concedendo o publico o valor d'estes,
tem quando isto, podera verificar a justiça
com que procedermos na classificação.
Assim, fica aberta o concurso, querendo
que não encerre no dia 15, ultimo
instituto pelo jury para recepção dos
trabalhos. Para collaboradores dos Estados serão
respeitadas as datas des carteiros do
correio.

No proximo numero será publicado o
resultado do jury relativa ao concurso, que
encerramos a 30 do mes passado.

TELEGRAMMAS

Serviço especial de todos os
outros jornaes e commentario
tambem especial do
Rio Nu.

PARIS. 5.—Pela primeira vez,
milhares de proprietarios e
comerciantes votaram
contra o
recurso de
revisão.
Aproximaram-se
2.000
votos.

VIENNA. 5.—Em
atuação
na
dieta
foram
discutidos
os
projetos
de
revisão
de
leis
militares.

ROMA. 5.—Foram
concluidos
os
trabalhos
de
revisão
de
leis
militares.

MILAO. 3.—Penna
chando-se
sobre
os
resultados
da
revisão
de
leis
militares.

PRETOPIA. 3.—Um
frenco
estrangeiro
estava
a
passar
sobre
um
ponte.

WASHINGTON. 5.—Relato
geral.
Alger
reclamou
a
revisão
de
leis
militares.

Buenos Aires. 2.—Durante
nos
trabalhos
de
revisão
de
leis
militares.

WASHINGTON. 5.—Relato
geral.
Alger
reclamou
a
revisão
de
leis
militares.

Buenos Aires. 2.—Durante
nos
trabalhos
de
revisão
de
leis
militares.

WASHINGTON. 5.—Relato
geral.
Alger
reclamou
a
revisão
de
leis
militares.

Buenos Aires. 2.—Durante
nos
trabalhos
de
revisão
de
leis
militares.

WASHINGTON. 5.—Relato
geral.
Alger
reclamou
a
revisão
de
leis
militares.

Buenos Aires. 2.—Durante
nos
trabalhos
de
revisão
de
leis
militares.

Grãos de sorto

Ora o Ovidio, o Ovidio, podiam
dizer o que quizessem, mas o
que é verdade e que em todo o
arquivo não havia um bicheiro
de tanta sorte, pelo menos na
opinião do D. Mimosa, a moça
mais catita daquelles arredores.

E, além do mais, era um ver-
dadeiro dilago em generosidade.

Não se pode conhecer um
bambino que, ao receber os
parafusos, desse mais vantagens
do que elle dava aos jogadores.

Mas, de tudo, o que era ainda
mais estranho eram os palpites
quasi infalliveis do Ovidio, re-
lativamente ao bicho victorioso:

o patife do rapaz tinha mesmo
sorte a dar com um pio. E
sabem qual era o seu systema
para não faltar a bicho? Nada
mais simples: sobre 25 grãos de
milho e Ovidio gravava os 25
numeros correspondentes á lista
do joguinho: em uma vez melhidos
os grãos no bolso da calça, mo-
cinha que quizesse palpito, era
só metter-lhe a mão e tirar: a
coisa era infallivel.

Como era natural, o bom do
Ovidio tinha uma frequência
praticada: mas de qualidades
muito femininas morgulhavam
diariamente, no bolso do bicheiro.

E lá dentro remexiam, reme-
xiam, com extraordinario prazer
para este, que se sentia crescer-
lhe... a frequência. A D. Mimosa,
outro, é que não deixava
passar um só dia, sem que, no
bolso do Ovidio, morgulhasse a
sua miõzinha pequena e soez-
nosa. Decoravam tempos, e o
bicheiro, que desearregava todo
o dia o jogo, accumulava rios de
dinheiro. Porfim já o homem
não consentia si não que fosse a
D. Mimosa quem lhe pegasse
nos foletes grãos de milho. Que
querem? Estava firmada e ora
querem geral que grãos de pal-
pito só os delle.

Aparentam outros bicheiros,
querendo explorar o mesmo sys-
tema, mas qual? — não foram
lá das pernas.

D. Mimosa, por sua voz, es-
tava tão habituada, que apenas
mettia a mão, tocava do leve
nos palpites, e já os conhecia
tanto que não precisava tiral-os
fora; dizia victoria: hoje dá o
ovello, hoje dá o cavallo, ou
hoje dá pato.

Era extraordinario a pericia
da moça. Que sorte!

A mim chegára tambem ru-
mores desse estranho caso, e eu
fui como S. Thomé,—ver para
crêr.

Aproximava-se a hora de
tirar o palpito. Diante de mais
do cem pessoas, o Ovidio e a
D. Mimosa preparavam-se para
a operação, que era diariamente

espectada, ao meio-dia, em ponto.

Só, por fim, a milina das duz
balanças, o a mescinha da moza
mercadora, até muito além do
pulso, nas profundezas daquelle
bolso.

O Ovidio tremam, D. Mimosa
tremam, os circunstantes tre-
meram.

Começou o remexido: pas-
sados dois minutos a miõzinha
surgiu toda suada, e D. Mimosa,
com um sorriso frio nos labios,
manutia que, naquelle dia, ga-
nharia a cobra... e acertou.

Que grãos do sorte.

ROSA DA PUREZA.

NU E GRU

No Districto Federal, cha-
ma-se City Improvamente, na
recreativa capital de polema-
nalygo das monchas, no
Praza grande o modelo M. P.
e a lista extincção — abso-
luta.

No Fluminense do primeiro,
Lico juras da Praza grande
Chagador 2.º presidente
Vinhola como se se expande.

Mentado em todo o meu heitudo
E descolou qual a razão:
E que não, um heitudo
Tralando se d'aquele assumpto.

(Do Fluminense do 1.º 12-98)

A condiscipula, logo que o conde
debrava o allado, a sua grade branda
— não sei qual de onde —
ritas nos labios novos, de carilo,
chamava o larão.

E não, na alvorca, antes instantes,
fichou idyllis, proprios de amantes
que descobrem da dar as mãos...
— Elle saltava da negra frega,
fazendo juras, em cachos finos,
e o levan poeta, tendido, as vezes,
fechando os olhos amarellos-cinza,
fazia cousas mesmo de creança!

Mas de uma feita... chio a lerra,
de negras sentenas pegando o bosque.
O joven lazo, — como quem brinca
no popo viciado — saltava a alouque
onde passava d'as estase...

Entrava o kioskio, — que coisa estranha,
que estranha coisa, mais que convenceu —
e pelos labros passando o tempo
fazendo o tempo aojo de sangue.

K, nessa noite, da bella ilheparia
lebrando a filha que o havia preso.
— O ludo, as lentes famosas do opio,
no kioskio areco
chela do arana de um heitotrolo,
rimou, á expoz de coulo, os vultos
de amor eterno,
em bella lerra...

... Engranda, heia, se abria as lulas
nas suas unhas, se heio lerno
da lra a lra.

(Do Concurso Quinzenal)

EM PEKIM

Do palacio regia, a um kioskio
todo vermello,
passava as horas, heitudo, um poeta,
— poeta das terras da nostalgia
— tanto de sonatas a alma poetica.

Em tridinho! Poeta um dia
vendo o da joven, todo tude,
sentia-se escreva da graça sua...
E, outão, sua alma de romancero
sonhava sonhas da cor da lua.

U vello conde, — que alto fiquera,
diziam todos, ter de familia —
quinto o eclogio amava se gioco
do luminoso bosque regando o visco,
lá se palacio da archiduchessa,
onde jogavam nobres, em trindade
matar a lard-numa manilha.

A condiscipula, logo que o conde
debrava o allado, a sua grade branda
— não sei qual de onde —
ritas nos labios novos, de carilo,
chamava o larão.

E não, na alvorca, antes instantes,
fichou idyllis, proprios de amantes
que descobrem da dar as mãos...
— Elle saltava da negra frega,
fazendo juras, em cachos finos,
e o levan poeta, tendido, as vezes,
fechando os olhos amarellos-cinza,
fazia cousas mesmo de creança!

Mas de uma feita... chio a lerra,
de negras sentenas pegando o bosque.
O joven lazo, — como quem brinca
no popo viciado — saltava a alouque
onde passava d'as estase...

Entrava o kioskio, — que coisa estranha,
que estranha coisa, mais que convenceu —
e pelos labros passando o tempo
fazendo o tempo aojo de sangue.

K, nessa noite, da bella ilheparia
lebrando a filha que o havia preso.
— O ludo, as lentes famosas do opio,
no kioskio areco
chela do arana de um heitotrolo,
rimou, á expoz de coulo, os vultos
de amor eterno,
em bella lerra...

... Engranda, heia, se abria as lulas
nas suas unhas, se heio lerno
da lra a lra.

(Do Concurso Quinzenal)

leque, e no olhinhas pretos, que-
ridos do José Foleo, deslaram-
se para o lado, onde uma crean-
cinha loura, ria indifferente ao
que se passava no palco.

Maldito engano, esse engano
do 26'...

leque, e no olhinhas pretos, que-
ridos do José Foleo, deslaram-
se para o lado, onde uma crean-
cinha loura, ria indifferente ao
que se passava no palco.

Maldito engano, esse engano
do 26'...

leque, e no olhinhas pretos, que-
ridos do José Foleo, deslaram-
se para o lado, onde uma crean-
cinha loura, ria indifferente ao
que se passava no palco.

Maldito engano, esse engano
do 26'...

leque, e no olhinhas pretos, que-
ridos do José Foleo, deslaram-
se para o lado, onde uma crean-
cinha loura, ria indifferente ao
que se passava no palco.

Maldito engano, esse engano
do 26'...

leque, e no olhinhas pretos, que-
ridos do José Foleo, deslaram-
se para o lado, onde uma crean-
cinha loura, ria indifferente ao
que se passava no palco.

Maldito engano, esse engano
do 26'...

leque, e no olhinhas pretos, que-
ridos do José Foleo, deslaram-
se para o lado, onde uma crean-
cinha loura, ria indifferente ao
que se passava no palco.

Maldito engano, esse engano
do 26'...

leque, e no olhinhas pretos, que-
ridos do José Foleo, deslaram-
se para o lado, onde uma crean-
cinha loura, ria indifferente ao
que se passava no palco.

Maldito engano, esse engano
do 26'...

leque, e no olhinhas pretos, que-
ridos do José Foleo, deslaram-
se para o lado, onde uma crean-
cinha loura, ria indifferente ao
que se passava no palco.

Maldito engano, esse engano
do 26'...

leque, e no olhinhas pretos, que-
ridos do José Foleo, deslaram-
se para o lado, onde uma crean-
cinha loura, ria indifferente ao
que se passava no palco.

Maldito engano, esse engano
do 26'...

leque, e no olhinhas pretos, que-
ridos do José Foleo, deslaram-
se para o lado, onde uma crean-
cinha loura, ria indifferente ao
que se passava no palco.

Maldito engano, esse engano
do 26'...

leque, e no olhinhas pretos, que-
ridos do José Foleo, deslaram-
se para o lado, onde uma crean-
cinha loura, ria indifferente ao
que se passava no palco.

Maldito engano, esse engano
do 26'...

leque, e no olhinhas pretos, que-
ridos do José Foleo, deslaram-
se para o lado, onde uma crean-
cinha loura, ria indifferente ao
que se passava no palco.

Maldito engano, esse engano
do 26'...

leque, e no olhinhas pretos, que-
ridos do José Foleo, deslaram-
se para o lado, onde uma crean-
cinha loura, ria indifferente ao
que se passava no palco.

Maldito engano, esse engano
do 26'...

leque, e no olhinhas pretos, que-
ridos do José Foleo, deslaram-
se para o lado, onde uma crean-
cinha loura, ria indifferente ao
que se passava no palco.

Maldito engano, esse engano
do 26'...

leque, e no olhinhas pretos, que-
ridos do José Foleo, deslaram-
se para o lado, onde uma crean-
cinha loura, ria indifferente ao
que se passava no palco.

POSTA RESTANTE

CARTA ABERTA AO PANCRACIO

Faz tres semanas, segura-
mente, que me importunas para
que te sejam franqueadas asco-
lunas do Rio Nu, columnas da
belleza, ao que dizes, no teu es-
tylo macconico, acceusentado:
da força, para complemento do
symbolismo, porque não nos of-
fundemos com isso; a verdade é
a primeira condicio da arte o
aqui, neste elevadissimo templo
artístico (não o confundas com
Centro Artistico), todos nos so-
mos bellos e de muita força;
principalmente de muita força;
modestia aparte, o Rio Nu é a
luz do jornalismo indigena, a
fonte de fada a luz que illumina
os marinheiros ovidionistas, se-
gundo te explicaram Edgar Qui-
nido e Coelho Netto, ambos muito
lidos no Rio Nu, e outros su-
bilimes mysterios aryanos.

Revertendo ao ponto:

Não lino guias, caro Paneracio,
a satisficção que teria em te ver
cubre-se, abdo no cepo do tra-
balho, neste tempo de dote, onde
se ergue o candelabro do sete
bracos, o altar dos perfumos, a
mesa dos pães... de espirito,
que espalhamos por ahí...

Es trabalhador como um in-
telligente de actividade ambarcan-
tes talentos como a brasileira
(vide o motto em concurso); ver-
boso um deplorado.

Succedeo, porém, que todos
mós, levitas deste elevadissimo
templo, professamos verdadeiro cul-
to pela grammatica. A grammatica
é pura não o que é o Koran
para as terras; o Mithraico,
para os hindoes; o Zand-Accata
para os persas.

E, francamente, Paneracio,
jamais serás inscripto nesse livro
de ouro pelos dotes que fallam a
lingua do conselheiro Amaral.

En seria um exultadissimo mais
vil, mais infame dos que os in-
telliges do Venancio, se não pu-
dessem provar o allegado.

Mas, graças a Deus, posso
provar documental do que affirmo
em publico e raso. Essa
prova o bicheiro que me deixaste
fontem na minha mesa de tra-
balho.

Dizol Castro Lopes; dizei,
Laol; dizei Pacheco Junior João
Ribeiro, grammaticos, philolo-
gos, se pode ser jornalista um
homem que escrevem isto:

— Tu esqueceste do que pe-
de-te.

E, d'ahi...

GIL VAZ.

A proposito do assassinato
occurido na rua da Saude, tu-
ferna um collega da manha:

«De informações colhidas pela
nossa reportagem, sabemos que
Manoel Fcoire Rangal estava ha
tempo no Hospicio Nacional de
Altenados, por soffrir das facul-
dades mentaes, tendo uma vez
tentado suicidar-se, martellando
a cabeça com uma garrafa, que
partindo-se, o ferio.»

Se Rangal se houvesse util-
izado de martello, como dizia o
collega!

Rock.

Vertical text on the right margin: Macdonald

THEATRO DO RIO NÚ

Collecção de comedias, farças, entremeadas, e outras comédias e parodias

A BANANA

ESQUENTA

PARA SER CANTADA COM A MODA DA LIT

Oh, revê-lo, ludo modo. De ludo modo agita no pé. Se não diga do teu segredo. Para não lavar, se não dá. Mas o peço a que o papá. De quem em tempo dos tirares. Soua pessoa que eu não sei. Seja alguma dessas mulheres. E se não agita tuas mãos. Ajuntou com certeza agitou.

Zas, entropia a dorçura com çica. Chura a minha filha, e não a minha. Mas elle, que é firme, não querias dar. Formosa que eu lhe peço não me quer largar.

Mas nunca sempre lhes diga. Apesar de muito erro. E que a mão foi dar com o bigode. Agora mesmo no Ampuloso. Uma banana eu descaçava. Nessa fatal ocasião. Era que elle entrava, eu descaçava. Com a banana assim, no mão. Que triste situação — at de mim! Fiqui com a banana assim...

Al! al! al! gritei eu tremendo. Se me não toquem eu ia morrendo. Mas um cavalheiro, ludo m ja convulso. Deu-me frêzcos, aqui sobre o pulso...

Depois de muito estrochear. E fricções continuadas... Da parte, malim, balhojar. Uns plures ondescorridas; Disse no supello, magenta. Que me alarava com afaz. Fui d'aquele que não ha nada. Como os alamos da maná... Mas elle continuou, entusiasmado. Com o leque no mão, inclinado.

Zunda, estapim! a a alonar, horror! Al! que ventania! eu vi tu horror! E apesar de ser tão bem notada. Eu nunca tanto, que estava alagada.

As despertar, não, lembregê-lo. De que se tinha ali passado. Eu creio até, murguigo-me. Como uma grande em um solidão. E ao passar-me na acende. Nessa noite as illusões. Era estava lá e estava quente. E molle, e dura... em convulsões! Para o despertar d'uma oggia. Que durara até quasi dia!

Al! que sensação em senti não. Não posso... não posso... dizer-lhes aqui. Porque tenho medo que de vos não vá contar d'amanhã, disse eu no pé.

Do bom e do mau que ali voto. Ontas prutis e espumadas. Se espregueiram sobre o seu. Das boas convivas delirantes. Ha la hordinar no prazer. Que está minha alma ludo alora. Tremem-me a mão sem querer. Entendi não por falta... Qualquer pessoa reconheva. Se a legã já transbordava...

Na ocasião não tinha sentido. Mas na sim de tanta tal vez o vestido. E no outro dia, passado a zedrejo. Não couro do poder segurar uma perga...

Quanto a mim, se voltava. Eu apenas tinha ao lado. O que eu não me alarava. Em palavras reservadas. Eu não, meu Deus, horror! Se ali correndo indignada. E agora d'um pulo o correio. E assim fez pelo verado. Logo que na rua me apantou. De não voltar ali, jurou...

Se as vossas palmas em fier coquilha. E culter os luros d'um futuro artista. Securas da indolência não vieram. Porque lhes prometo de lá não voltar.

JACOBYTT.

DOUS DEDOS DE PROSA

— Oh! Dona Cecília! Tão cedo já na rua do Ouvidor?... — Tem razão... a hora é impropria das senhoras. Mas vim express assignar O Paiz para que me dêsses O Bolejo... A propósito... conheço esta comedia?... Não será muito cabeluda?... — Não me consta que os badejos tenham ca'elles... — Inquiri da peca, porque pretendo fazel-a representar no

theatrinho da minha chacara... — Perfeitamente... garanto a V. Ex. que n' O Bolejo não encontrará pilherias da peza do p'axe. — Ainda bem... é que tendio dar o papel da ingenua á minha filha Quininha. — A Quininha?... Uma criancica, por assim dizer... — Qual criancica?... já fez quinze annos!... E depois... não é por ser minha filha?... Mas... que vivacidade!... que malicia!... — Sim?... Verdade é que a não vejo ha mais de um anno... Desde já me doo por convidado, para applaudir na grande noite... — Pois não! Pois não!... Se mesmo antes disso... (Chhe... se quiz, vá amanhã lá em casa para lhe ver as partes... — Ah! minha senhora!... Não exijo tanto!

Zico.

FABULAS DO «RIO NÚ»

XIII AMOR Á PROVA

A mulher de Antão de Jampietis. Que não dá saber se a marido tinha nozes, em ludo o que se diz. Esta prova, de amor verdadeiro. E pr'a não chamar um rapaz. E melhora-se na alcora, e bebem-se. Antão se chegar não quer mais. Porque estrai para peza de traiz. A mulher vendo o mono detestado. Quiz a chamar melhor superior: O rapaz lhe tentava o lugar. E o Antão, sem nada! calado...

MOLLEZAS. Ninguém deve em amurpêr alguma. Porque jogam por todo o systema. Bocca-lim.

A BENGALA

Que desolação aquella que lá pela casa do Joca! Já tinham posto um annuncio no Jornal do Commercio, o nada! Não havia remedio! Era exata um resignar-se com a sua má sorte. Não ha duvida que Joca fira um desgraçado, oh! muito desgraçado!... Perder aquillo que lhe haviam dado ainda ha tão pouco tempo! Ah! desgraçado Joca, dois moços apenas, dois moços que o Joca se casara, dois moços... Tão pouco tempo. Beram-lhe n'esse dia, no dia das bodas... Não! já lhe tinham dado ha mais tempo, mas só no dia do casamento é que elle fez uso pela primeira vez. E porquê! a agora, assim sem mais nem menos. Que desgraça! A mulher do Joca, a Maricica, coitadinha d'ella! chorava como uma lica aberta; chorava, coitadinha, e tinha munitarção p'ra chorar.

A falar a verdade, era ella que mais prejuizo tinha n'aquella perda. Ah! o Joca, o Joca... Sempre fira destruido, sempre! Quem lhe havia de valer agora! quem! O marido tinha perdido a unica coisa que tinha, a unica coisa que tem uma pessoa quando não tem outra nenhuma. Isso mesmo o Joca tinha perdido! Oh! desgraçado Joca! Oh! desgraçada Maricica! Que seria d'ella agora! Que seria d'ella d'ora em diante, tendo o marido perdido o que se não acha mais nunca! Ah! Era muito desgraçada!

Tambem a culpa era delle... Quem o mandara amtar, por altas horas da noite, em ruas onde a policia não apparece... Ah! desgraçado Joca! Elle nunca pensara que a coisa lhe salisso tão caro. Poram-lhe em cima; bom elle quiz fugir, bem elle quiz fugir, mas era tarde, era muito tarde! Não podendo resistir, elle atendeu tambem, atacou o inimigo

de frente. Não, não era covardo, pela morrer, mas não agredia pelas costas, nunca. Ella, coitado, já não podia mais; o inimigo era valente. N'isto elle quiz fugir e saliu a correr desesperadamente em busca da casa. Appareceu-lhum cavallo, e elle montado, á redêz solta coitinho a fuga... Ah! que desespero, que desespero. Antes de casa encontram o boticario da esquina que lhe corria a marcha — Que era aquillo! — Uma desgraça. O homem da botica não sabia diagnio, lavo as mãos e floo-se em paz. Chegando em casa é que o Joca viu que tinha perdido a bengala. — Mas onde andaste d'onde viste? perguntava a mulher afflicta. — Sei lá, Maricica, sei lá. Com certeza fira na botica... — Na botica?... — Sim, sim; na botica. Manda perguntar ao boticario. E Maricica banhada em lagrimas, chamou o moleque e mandou á botica saber se lá não tinha ficado a bengala do seu Joca. Meia hora depois voltava o moleque a choronunguê. — Que, sim. Não, não, que seu Joca tinha deixado lá, mas que o homem da botica não guardara, porque aquillo não servia mais p'ra nada. — Como não servia! Esta é muito boa! Então elle é quem diz que não servia. — Deixa lá, Maricica, disse o Joca. — Deixa lá, não! Ninguém mais do que eu pôde saber, conviste? ninguém mais do que eu!

M. GREGORIO JUNIOR.

LAGRIMAS

Chegára a quarentena, chegára a época da communião, e a D. Afonso já fira juntamente com a filha, procurer na benção do Santo Frei Dionysio a absolvição para as suas culpas. Lá se foram amicar um caminho da lereja, a D. Afonso atraz, a Alina na frente, muito prazenteiras e muito rezadas, com os seus vestidos novos em folha, e o seu sextante de consciencia feitos da vespera. Na sacristia (por signal que era bom pouco clara essa sacristia!) os sacristas, onde o santo Frei Dionysio tinha o seu confessorio, muito bem abrigado das vistas indiscretas, e se achavam diversos confessandos á espera da vez, e entre elles dois pobres homens cegos, que lá iam talvez purgar os seus pecados e ver (e dizem que edgus não vem...) e ver se recuperavam a vista.

Mãe o filha enegavam o ajocharham porto do confessorio, á espera do que fossem chamados pelo santo confessor. Passado algum tempo, Frei Dionysio chamou D. Afonso e, depois de ouvir-lhe as rezas os asculpas, deu-lhe a pegar o cordão do habito e a penitencia benévola de beijal-o, três ponceas e tão poucos eram as fallas da confessanda. Absolveu-a depois e mandou-a em paz.

Chegou a vez da menina, e Mimi, toda coradinha, ajochou-se aos pés do confessor, arranhada e humida, com esse recato tão natural o tão proprio nas meninas que ainda são púberes apenas. Mimi ajochou, rezou o confessor as suas culpas muito mais facilmente do que pensara. Era a primeira vez, coitadinha! que ella se confessava, o sempre lhe parecera que a coisa fosse mais difficil... Mimi porém, não contava com o resto. Frei Dionysio deu-lhe a pegar o tal cordão!

A menina, coitadinha! recusou

pegar no cordão do frade, se ella nunca fizera aquillo... — Pegue, minha filha, disse o santo frade... — Não, senhor... — Queira pegar. A sua manão tambem já pegou... A esse tempo D. Afonso, que ficára a pouca distancia, interveio: — Pega, Mimi! En já peguei; não faz mal!... Mimi, vencendo toda a sua repugnancia, fechando os dois olhinhos brilhantes, pegou emfim, com a mãosinhas trontadas. — Agora beije-o, disse o frade. — Mas, senhor... A não acudio logo soficita. — Anda, menina! Que mal faz isso? Ha tambem já não faz... Polvo Mimi! lá se poz a beijar o cordão do frade. — Beija mais, minha filha, disse o frade. — Não, não é preciso — gaguejou Frei Dionysio, que derramava lagrimas de compaixão. Mas adiante, onde estavam ajoelhados, os dois cegos rememoram-se e dialogaram baixo, mas a ponto de ainda se ouvir o seguinte: — O Raymundo, Você não sentiu? — Sentii... Parece que está alguma a cuspir-nos em cima... — Qual cuspir, seu home. Pelo que me cahiu na cara... — Diga, home. — Se eu não estivesse na Igreja era capaz de jurar que isso era... — Diga. — Que isso era lagrimas de frade!

Becc.

Loteria Minicra Azave Americana. — A loteria Minicra Azave Americana, que fira em 1870, com a designação de Loteria de Azave, foi creada pelo Governo, sendo a casa no Capital Federal. Anuncia para, em Nova do Ouvidor n. 23, sub-gerencia geral, Casa Sobras das Loterias, dias n. 25.

SCIENCIA!

Já cansado da lucta, emaciado, pallido e amarello, o artista Paulo Heras, jax-estendido n'uma grande poltrona de tapacaria. Sente-se tocado pelo dedo criei da doença, e he estantio que queria viver para sua amada e fiel esposa e para seus filhos, que precisam ainda de quem lhes dê de comer. Em frente delle, e cavalgando uma cadeira barboleteada, fagarolla e maravilhosa o seu medico Guy do Macrolon, moço, estovado, cansado, desenganado de tudo, apirado, expartilhado, encantador. E' um primor de arte o seu penteado em que, como Gaussidier, consegue ordenar mediante a desordem; a barba ligeira voltalhe em torno do rosto rosado; e o facto, todo de um tecido macio, em que correm listras de azul suave, e imperceptíveis riscas de um verdeho rosado, dá-lhe uma apparencia de lebelula. Guy fima um charuto enorme e inverosimil, amarello esverdeado que parece tambem fatigado por vigilias, e olha para o doente com uma indifferença, que é forja de intensidade com-sego impressionar.

— Então! meu amigo, que pôde fazer por mim! diz Paulo tristemente. — Pá! exclamava desdenhosamente o joven clinico; aqui para nós, meu caro, a hygiene, os cuidados, a distracção, são tudo neste negocio! Entretanto, se qualquer remedio lhe appetite não se contrafaça. O bromureto o o anlylato estão agora muito em moda, e pessoas comheço, muito de bom, doidas pelas injecções de morphina. Ora, deseja antes ir a quequer coisa termines? — Oh! por Deus! não importa quaes; eu não estou aqui para o contrariar. Mas antes do partir ha de ir visitar-me; inaugura-se

o meu pequenino hotel! Oh! meu caro, que lindoz! Nem um movel. Apenas alcantilhas, tapacarias, lapes e thuribulos. E cobro os meus doentes, não em gabinete do trabalho, atulhado de livros, mas n'um boudoir verde-maçã, onde ha um aquario de vidros cor de rosa com peixes chinezes; modernos a valor! E' verdade, o amigo ha de ver lá não ser que d'agui até lá... Mas com effeito, porque diabo não se ha de o senhor curar? As doencas não são tão más como as pintam, e não lico vez razão para que se não curem... uma vez que as deixamos em paz!

N'um exame de historia: — Que sabe o senhor das guerras medicas? — Adá agora, doutor, não se sabe qual dos dois tem razão: se o Sanarelli, se o Freiro.

Premios do «Rio NÚ»

No nosso penultimo numero foi premiado: no Mito a concurso, SCALABITANO; que obteve o primeiro logar; na Nossa abri-cha foi Dinixio quem em primeiro lugar conseguiu matar todas as questões. Ambos puderam vir ao nosso escriptorio receber premio.

MOTTE A CONCURSO

Continua aberta esta secção. Daremos em cada numero dois versos que devem ser glossados pelos concorrentes, obtendo, como premio, aquillo que melhor collocação tiver, um volume a escolher da Collecção Popular Moderna, editada pelo livroiro Domingos de Magalhães. O resultado deste concurso será sempre publicado com intervallo de um numero, e recolhido nos as glosas até o dia da publicação do numero antecedente. Para o motto —

Minha comadre Joannita. Aos beijos com meu unido

— recebemos as seguintes glosas: —

Larga o estoque, Benedicta, Quero dar uma estocada; Ha de ir p'ra cama furada — Minha comadre Joannita, Aquella grande maldita, Ha de gemer no colcho, E se não podir perdão... Don-lhe uma, duas e tres. — E' pr'a não estar outra vez. Aos beijos com meu unido.

SCALABITANO. Hontem vi, toda castia, A saborear um... sorvete, Lá no Parque do Catho. Minha comadre Joannita; Ella estava tão bonita, Que me chamou a attenção, E, naquella confusão, Fingio p'ra certo lugar... Indo eu depois a encontrar. Aos beijos com meu unido.

D. A. ROMBA. Toda faceria o castia, Lá no baile do Barbosa, Maxixava, muy dengosa, Minha comadre Joannita, Ao vil-a assim tão bonita, O Joca, todo babão, Gritou: quebra paneção! Depois do baile, por fim; Eu a pilhei no jardim. Aos beijos com meu unido.

MATHEIRO. Tem um sombante castia, No corpo, tal construcção, Que é mesmo uma perfeição, Minha comadre Joannita, E por saber que é bonita, Transformou seu coração N'uma casa de pensão; Tanto, que a vi de maná, No quarto de minha irmã, Aos beijos com meu unido.

DINIXIO.

Um dia, muito castita,
Sem eu querer encontrar,
Coisa que nunca esperai,
Minha comadre Joannita,
Toda depresso e bonita,
De braço com mano Anão,
Caminhava e pancadão;
Mas ao chegar a um recanto,
Ella descaiz-se, que encanto,
Aos beijos com meu irmão!

A. A. Naticco.

Dêto moça que grita
E que roda como fuso,
Mas nisto não vai incluso
Minha comadre Joannita,
Pordm; sua irmã Laurita,
Que é devãrs um peirão,
Já faz rpeias com uma mão!!!
E, mesmo de admirar,
Pois, fez e faz (p'ra mostrar)
Aos beijos com meu irmão.

Mon Pitu.

N'aquelle quarto castita,
N'aquelle ninho do fada,
Dormia, despreocupada
Minha comadre Joannita,
Mas hoje, a fome maldita
Faz-me perder a razão,
E tal ter'co tal peirão;
P'prém, vejo oh! que desdita,
A casta e pura Joannita
Aos beijos com meu irmão!

Guime.

Toda fardosa e castita
Encontrei hontem na rua,
Decotada... quasi nua,
Minha comadre Joannita;
Fallando-lhe, oh! que desdita,
De coisas do coração,
Fugiu-me, qual furacão,
Ludo p'ra casa, zangada,
Onde encoltrei-a deitada
Aos beijos com meu irmão.

Dr. Fadinho.

Uma liga, de aurea fita,
Traz na alta meia bordada
Sobre a coxa, torneada,
Minha comadre Joannita
Ao-ver coiza tão castita,
De jóelhos ehi no chão...
Em deliquos de paixão
Jura amar-me toda a vida;
Mas já hei com a fomentida
Aos beijos com meu irmão.

Ulysses.

C'o aquelle laço de fita,
Com seus labios de rosã,
Não é mesmo mihi loqui
Minha comadre Joannita!
Virtuosa, mais que a Rita,
Cora, a qualquer palavra,
Embora diga o Romão
Que elle a vê constantemente,
Muito voluptuosamente,
Aos beijos com meu irmão.

Chico Punico.

Para o proximo numero offe-
recemos o seguinte molte:
*Que pernas brancas, que seias!
Que trabalhos, saos Christa!*

As glosas devem vir em tiras,
escriptas só de um lado.

Nô recebemos até sahado
as glosas de molte, as
que nos chegarem depois, se-
rão inutilitadas.

MODINHAS BRASILEIRAS

Sinhô Juca

Sinhô Juca, vá-se embora
Não me conte historias, não;
Já se esquecer do que fez
Na noite de S. João?

Ai! meu Deus! sinhô Juquinha
Você é os meus peccados;
Vá-se embora, já lhe disse,
Não me queira dar cuidados...
Que as artes de sinhô Juca
São mesmo artes do demônio;
Para me ver livre dellas
Vou rezar a Santo Antonio...

Sinhô Juca é forte teima,
Não bula comigo, não...
Não bringe, como brincoo
Na noite de S. João.

Ah! meu Deus, etc.

Sinhô Juca, arrede lá,
Senão leva um bofetão;
Eu não quero mais gracinhas
Da noite de S. João.

Ah! meu Deus, etc.

Sinhô Juca, você chora
(já se viu tal tentação?)
Não se vá, que já não ralho
Da noite de S. João.

Ah! meu Deus, sinhô Juquinha
Você é os meus peccados.
Eis do novo inda outra vez
Os meus protestos quebrados.
As artes de sinhô Juca
São mesmo artes do demônio;
Não me posso livrar dellas
Nem rezando a Santo Antonio,
Santo Antonio, meu santinho
Já não vales nada, não;
O chorar de sinhôzinho
Derrotou-me o coração;
Santo Antonio, Santo Antonio,
Que tentação do demônio!

VOSSA ADIVINHA

CHARADAS ANTIGAS

I
AO FRIL P'RA SAVA
As direitas acharias }
Um rio que é volão, }
As avessas, sobre nós }
Decifra lá se és capaz!

II
E' rolica e bem comprida,
Nô tem espinha, nem osso,
Pode ser muito querida
Pela moça ou pelo moço.—2

III
Tem bastante semelhança
Com a flauta do pastor.—3
O liquido que ella lança
E' grosso como o licor.

IV
E' grossa e curta
De côr escura;
Da carne humana
Doonças cura.

V
Procura-me nas alturas
Pois lá tu deveres me achar,
Não habito sitios baixos,
No alto, é que é meu logar.—2

VI
Ha uma planta conhecida
Pel nome de gilo—1
E quando dudar meu nome—1
Então verás que tem O'—

VII
Piscara com attenção,
Nô vai fazer porcaria,
Pois o homem que aqui tras
E parente d'um Faria.

VIII
No theatro far de noite esta
mulher 1—2.

IX
A ferramenta do vazio tem
pennas 1—1

X
Arrobada na China e em cima
das pernas 2—1

XI
Chupa na Thevezia que é boa
fazenda—2—2

XII
Não tapa a abertura deste in-
strumento 2—2

XIII
Em cima de nome, embaixo
das saiz, não usa botinas 1—2.

XIV
Em cima de nome, embaixo
das saiz, não usa botinas 1—2.

VERSOS A CONCLUIR

Na sua casa modesta
Está o padeco à janella,
Com a sua esposa bella;
Vão dar um baile, uma festa.

Sua mulher bem atreza
Ser uma bondosa estrella,
Todos gostam muito d'ella
Que attenção a todos presta

E um tal garoto da rua
Vendo a casa em formigueiro,
Iluminada a giorno,

Dissa uma verdade crua:
Faz annos hoje o padeco,
O grande..... (f)

LOGOGRAFIA
TUDO ESCURO
Nestas ten pilhas que projectam chamas,
Levo as pilhas d'um amor tão vivo,
E sei que a luz, nunca dar, me annos—18
E 5 2 2 1 4 8

PREMIUMS
P'ndime nas rias, fui um tr-chocando—4
11 7 2 1 5 12 2
Sendas rilmers, soltrel, peonias—22 21
9 5 15 26

PERDOME MULHER, PERDÔ BELLA—6 4 10
Faz avidado o juramento meu,
Mas ero, eu sou a fulgurante—20
11 12 10 28

PERDÔ SEM, ESPERADO O VIZINHO
A certa m'lhã, desde certo meu,
Porque te lero que a verdade expor
Esta palavra—sempre aerei teu!

CHARADAS A VAPOR
Simples brinca comigo, eu Velloz,
Sempre fui tua fiammã á-diligê?
Mas não p'nhu no canço e o que ajuer,
P'rdome a esser que assim queto jã.

CHARADA SEM NUMERO
De mim faz uso a doguella,
Agradando o noivo termo,
Entre uma doce oshadella
E juras de amor eterno.

E quem não me terá feito
Neste mundo sublimar?...
Só se for nem de peito,
Que não sabe inda fallar.

Em basies famillares
Quantez vezes me dão vida
Certos amorous pares,
Com ternura enlanguçada?

Mo faz a moça pudica,
A menina de collegio,
Gente pobre e gente rica
E os patresos? Sacrifio!

Meu nome não pessou lá,
Ser bonito como quô
— Pois terminando a'nu a,
Principia por um p.

Nô recebemos as decifrações
dear numero até sahado,
Serão inutilitadas as que nos
chegarem depois.

As decifrações e a lista dos
decifraçôes serão sempre publi-
cadas com intervalo de um nu-
mero, recebendo o resultado
até o dia da publicação do nu-
mero antecedente.

Até o primeiro decifrador dare-
mos, como premio, um volume,
à escolha, *Collecção modernã,*
biblioteca editada pelo Irmão
Domíngos de Magalhães.

Accettimos collaboraçã, que
nos deve ser enviada em tiras,
escriptas só de um lado.

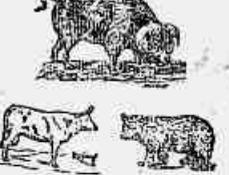
Os pontos, n'esta torção, são
contados, um, por questão deci-
frada ou por trabalho publicado,
servindo tães pontos para a dis-
tribuição dos premios, que fare-
mos aos cincoenta primeiros col-
laboradores e decifraçôes, no
fim do anno corrente.

Decifraçôes e decifraçôes do
n. 43.
Propozemos 15 questões, cujas
decifraçôes são as seguintes:

1. Calçada, 2. Cardeal, 3. Odo, 4. Ariva, 5. Missa, 6. Eco, 7. Chapin, 8. Relia, 9. Ex-
tremo, 10. Tacaio, 11. Rio Nu,
12. Tapeta, 13. Ricardo, 14.
Cada coisa no seu logar, 15. Sa-
picoo Anteo filho da terra.

Deciframos: Diácono 15, Ro-
daxias 15, K. C. Foré 15, E. E.
Pavento 11, Sara & Cura 15, E.
Hablar 10, Talvez 12, Guime 15,
P. Ludo & C. 11, Lumbé & Soca
15, K. To Rita 11, Sa Neta 12,
P. Pinca 9, Piparote 15, Frei
Luigia 14, Parasita 15, Topa
Tudo & C. 15, Dr. Maravilha
15, Atarab 12, Bumbá 15, A. A.
Naticco 12, Frei N. L. & C. 14,
Q. L. 15.

QUEBRA CABEÇAS



FOLHETIM 2
TRICK

o ESPERTALHÃO
por
Paulo de Kock

(Continuação)
Eu não lhe estou falando dos
saltadores que atacam de mão
armada, por escalada ou arrom-
bamento; isso entra na longa
serie dos crimes vulgares, comu-
nissimos a todos os países, o es-
pecialmente contra os ladrões
especiales de Paris, que precisa
mudar-se do prudencia.
Trick escutava, sorrindo, o
seu companheiro de viagem, e
exclamava de quando em quan-
do:
— Oh! meu caro, não há pe-
rigo! Não me deixarei enganar.
Parece-me que hei de reconhecer
um ladrão a uma legua de
distancia!
— Ah! julga isso, meu ami-
gão? Ora eis ahí uma con-
fiança que lhe pôde ser funesta.
Mas vejamos; já que tem tanta

certeza de se não deixar en-
ganar, diga-me; conhece o lad-
rão das *bons diats*? o ladrão
americano? Sabe o que é o lad-
rão *ou pot*?
Trick esbantara os olhos, de-
pois abanava a cabeça e exclam-
ava:
— Tudo isso são folioes! Cou-
sas que se dizem ás creanças
para assustal-as!
— Eu não pretendo assustal-o,
meu amiguinho, quero apenas
ajudar a sua inexperiencia,
Quero-me; entre os ladrões mais
frequentes em Paris, sobroao o
chamado *dos bons diats*. Vou
explicar-lhe qual elle é; poderá
evitar-lhe a occasião. De manhã,
em Paris, em uma casa, muitas
vezes habitada por um grande
numero do inquilinos, o porteiro,
coo conversara com uma creada,
com um visinho, ou que vai do-
frente buscar o leite á leiteira,
ou que varre o fundo da sua loja,
ou que dá do comer á sua péga...
(em Paris, os porteiros têm
quasi sempre uma péga, um pa-
pagão, um cão, ou tres gatas...) como
esté muito occupado, não dá
attencão ás pessoas que subem.
Um industrioso introduz-se, met-
tendo-se apressadamente na escada
e sób, olhando para todos as

portas. E' muito raro não ver
uma em que tenham deixado a
chave, porque um rapaz que se
tem deitado tarde, disse á por-
teira:
— Fique com esta chave;
amanhã a dará á minha creada,
não eston resotido a levantar-
me para lhe abrir a porta.
« De manhã a creada sóbe;
mas ao sair para ir buscar o
café, o pão e o leite, deixa a
chave na fechadura. Muitas vezes
é a porteira que está incumbida
de lavar os jornaes, o que se
esquece da chave, ou ajuda ou-
tras vezes é o inquilino mesmo
que lhe dá:
— Deixe a chave por fóra;
não quero ser obrigado a incom-
modar-me se vierem visitar.»
Trick saltou uma gargalhada,
dizendo:
— Eu não hei de ser tão tolo
como isso!
— Parece-lhe?... Finalmente,
o industrioso avista uma chave,
aproxima-se abre muito deva-
garinho e penetra na habitação.
Um sujeito está estendido no seu
leito e rosna com uma perista
tranquilidade. Esté mesmo no
seu direito de sonhar que achou
uma mina de ouro ou que her-
dou de um parente millionario;

que está nomeado sub-prefeito,
ou que lhe mandaram um car-
tucho do boias.
« Enquanto elle se entrega a
tão encantadores sonhos, o in-
dustrioso roubou apressadamente
um relógio, apodera-se do di-
nheiro que está na secretaria e
afasta-se, focando todas as
precauçôes possíveis para não
acordar o inquilino; sae atrevi-
damente da casa e passa pela
frente do porteiro, associando
uma aria de Rossini.
— Ah! eu não me deixarei
roubar assim; diz Trick, porque
tenho a certeza de que hei de
acordar; tenho o sono muito
leve, e mesmo a dormir ouço os
ratos saltarem.
— Sério, meu caro amigo??
Dou-lhe os parabens por essa
habilidade. Mas admittamos que
ao entrar n'uma casa, depois de
ter visto a chave na porta, o
industrioso encontra algum
acordado... Julga que o ladrão
é preso? Engana-se.
« Quem está ahí? pergunta
a pessoa que ouve 'abrir' a porta
ou que vê entrar um desconhe-
cido com cara de poucos amigos.
« O industrioso tomo um ar de
surpreza, murmurando:

«— Perdão, ou procuro o Sr.
Tchikoff, dentista?...
«— Não conheço... Nesta
casa não ha dentistas.
«— Oh! mil perdões, meu
caro; provavelmente coganei-
me no numero da porta. Sinto
deverias haver-o incommodado!
« E o ladrão desapparece como
um relampago, emquanto o in-
quilino da casa busca recordar-
se se ha algum dentista entre os
visinhos, o murmura por entre
os dentes:
«— Tchikoff... é um nome
russo. Também a Russia dos
manda dentistas!
«— Meu caro, diz Trick de-
pois de haver escutado o seu
companheiro, pela apparencia
do individuo immediatamente
conhece-o se é um ladrão. E
calho saltar-lhe em cima e pren-
do-o... Eu não sou nenhum to-
leirão!
«— Diabo! responde o viajante,
fixando os seus olhinhos de fui-
nha sobre o rapaz; então julga
que apenas pela apparencia im-
mediatamente conhecerá um la-
drão!
«— Sim, senhor.

(Continúa)

PORTARIA

Aquellas pessoas que nos distinguem com uma collaçoção, fazemos notar outra vez que se nos servio o que livor malicia sem obscenidade. Não publicamos pseudonymos immoraes.

As columnas do nosso jornal são, entretanto, francezas, mas d'entre a collaçoção que nos for enviada, reservamo-nos o direito de fazer a nossa escolha.

A todos quantos quizeram fazer qualquer reclamacao pedimos o especial obsequio do vir ao nosso escriptorio, pois que é para nós completamente impossivel responder á grande quantidade de cartas recebidas.

EXPEDIENTE

As pessoas que, do interior, quizeram ser assignantes do «Rio Nú» devem remetter, em vale postal, a esta redacção, a importância das assignaturas, com os respectivos endereços.

Approximando-se a época da reforma de assignaturas, temos o prazer de communicar aos nossos assignantes e leitores, que encomendamos a casa Wedells & C. de Hamburgo, a confecção de elegantes carteirinhas que distribuiremos como

PREMIO DO RIO NÚ

Além desse premio temos uma variada colleção de romances e obras litterarias, com que hringaremos aos nossos assignantes nas seguintes

CONDIÇÕES

Aos assignantes de anno uma carteira e um livro á escolha.

Aos assignantes de semestre um livro á escolha.

São estes os livros que destinamos aos nossos assignantes:

PAULA LUIZA.— O Necroterio.

A. RAPOSO.— Neurose Mystica.

DELIA.— Cetele.

A. CAMINHA.— No Pais dos Yankeees.

CRUZ E SOUZA.— Braçois.

V. DE CASTRO.— Diario de um soffeirão.

L. ROSA.— Imagens e Visões.

V. VARZEA.— Rose Castle.

PAULO DE KOCK.— Gustavo o Estroina.

JULIO MARY.— Paixão e Odio.

PAULO DE KOCK.— A Momina das tres saias.

H. P. ESCRICH.— A vizinha do poeta.

PAUL FÉVAL.— A Creoula.

ANSELMO RIBAS.— A Seara de Ruth.

PAULO DE KOCK.— A Dama das tres espartilhos.

ALEXANDRE DUMAS.— Vingança Corsa.

ARTHUR AZEVEDO.— A Capital Federal.— A Fantasia.

PAULO DE KOCK.— A Procura do noivo.

AGENTES DO «RIO NÚ»

São nossos agentes, encarregados de vender a revista, assignaturas e assignaturas os Srs.:
M. A. & C.—Bello Horizonte.
Magalhães & C. Santos.
A. Guimarães.—S. Paulo.
Marbano Giamforti.—Ouro Preto.
Giacomoni & Bialli.—Campanha.
N. Bues Velozes.—Luziânia.
M. J. de Almeida.—S. João de Patrocínio.
Cristina de Almeida.—Estação de Filgueiras.

João Carlos Franca.—Estação de Santa Helena.
Luiz Carvallo.—Estação do Socorro.
Antonio Ferraz Filho.—Alfândega de Mangueira.
Francisco Norva.—Boa Família de Marabá.
Antonio José de Carvalho Amaral.—Santo Antonio do Araruama.
Antonio Mendes—Mazara.
José H. de Nello.—Cidade de Oliveira.
Francisco Ribeiro.—Estação do Casario.
Francisco Estreita Silva.—Estação da Guajubira.
Antonio José Teixeira.—Porto Novo do Collado.
Antonio Angelo Soares—Douradina.
Antonio de S. Soares—Luziânia.
José H. Carvallo—Silvânia.
Antonio Gomes Almeida.—Estação de Montebelo.
Antonio Lopes de Faria—Ponte Nova.
Evandro Tereira.—Boa de Mato Dentro.
Miguel Soares Costa.—S. Paulo.
Sergio Silva.—Visconde do Rio Clara.
José Augusto Schmitt—Boa mirim.
Luiz Pereira do Amaral—Araruama.
Sílvia Telles—Rio Branco.
Luiz Teodoro Junior—Bomfim.
T. Souza—Jardim—Map.
Benedito Geraldo Mariano.—Estação de Luziânia.
Luiz Ernesto Mirengio.—Santo Antonio da Ribeira.
Dona Santos.—Fajã de Santo do Pinhal.
Eduardo—Mazara.
Capitão José de S. Martin.—Domingos de Góes.
José Estevão da Costa—Pirassununga.
Benedito A. Pereira—Itambé.
Antonio de S. Carvallo—Mazara.
Francisco Mathias da Costa—Ferreira—Itambé.
Vigilante de Moraes.—Tatuapé.
Sônia de Lemos.—S. José do Rio Preto.
Antonio de Avelar P. Soares.—Santo Antonio de Botafogo.
Luiz Carlos da S. Ribeiro.—Est. do Rio Branco.
Antonio José Góes—Luziânia.
José Fernando Magalhães.—S. José do Rio Preto.
Antonio Basilio Pereira.—Sant'Anna do Paragolongo.
José Soares Junior—Góes.
Miguel Alves Gomes Valente.—Est. Angra dos Reis.
Maurício José Pereira.—S. Sebastião dos Torres.
Antonio Ribeiro.—Conceição do Rio Verde.
João da Costa—Est. de Luziânia.
Francisco Fontes Brandão.—Fazenda de Catanduba.
Cosme de S. José de Carvalho.—Paratyba—Itambé.
Germão Christovão Bulhões.—Paratyba de Minas.
Bernardinho de Paula Vieira.—S. Sebastião do Paraíso.
Júlio Correia Netto Junior.—Vermelho Nova.
Francisco Moreira Durão.—Conceição da Barra.
Carlos Teves Pereira.—Estação da Pedra Leoa.
Guilherme Flecher.—Santa Maria.—Rio Grande do Sul.
João da Silva Guadalupe.—S. Sebastião do Sacramento.
Imponyso Martins de Andrade.—S. José do Tijuca.
Raimundo Boteta.—Rio Preto.
José Lopes de Araújo.—Paratyba do Carvalho.
João Baptista de Souza Faria.
José Luiz de Oliveira.—Bom Sucesso de Sobradinha.
Vieira Antonio Modesta.—S. Miguel do Versalino.
Vito Evangelista Marques Guimarães.—S. João do Norte Grande.
Arthur Bacci—A. G.—Campos.
Cesário Possidonio de Souza.—Ardiz.—Itambé.
José Antonio Layton.—Itambé.
A. Napoleão Pedras.—S. Miguel de Jacquincaia.
Paulo Alves Lomada.—Est. do Sobrado.
J. da Costa Lima.—Itambé.
E. C. de Souza.—S. José—Cruz das Palmeiras.
Fernando Antunes.—Cidade do Pácho.

19 TRAVESSA DO OUVIDOR 19
PREÇO DO VIDRO 4\$000
A's pessoas do interior, que desejarem fazer um deste catalogo preparado, e distribuido por Ernesto de Souza, Traveza do Ouvidor 19, (contando a quantidade de 100 para cada vidro, que serão promptamente enviados.)
DEPOSITO: A. Zanini, Freitas & C., rua dos Queijos 115, esquina da rua de S. Pedro; Bragança, Cal & C., rua de S. Pedro n. 32 a drozaria Paroico, Avulva n. 50 e Primavera de Março n. 5.

LOTERIA DA CARIDADE
QUINTA-FEIRA 8 DE DEZEMBRO
POR \$800 10:000\$000 POR \$800
Esta loteria, fiscalizada pelo Exm. Sr. Dr. fiscal da União e pelo do Estado, tem garantia dos premios pelo Estado, nos termos do decreto federal n. 2.418, de 26 de dezembro de 1896, e mais a caução do Thesouro Federal de 40:000\$ empolices. As extracções serão feitas na agencia geral, á rua de S. José n. 113, ás 4 1/2 horas da tarde.— A. CAMPOS & C.
Ao publico.—As machinas podem ser examinadas antes e depois das extracções.
O agente de Matery, COLLEGE M. P. VASCOQUELLAS.

CONTOS PARA VELHOS
DE
BOB
UM ELEGANTE VOLUME
COM
CAPA ILUSTRADA A DUAS CORES
2\$000
ROMANCES A 1\$000
PAULO DE KOCK
Gustavo, o Estroina. A Dama dos Tres Espartilhos, A Menina das Tres Saias, A Procura de Noiva.

ANSELMO RIBAS
A SEARA DE RUTH
PAUL FÉVAL
A Creoula
JULIO MARY
Paixão e Odio
H. P. ESCRICH
A VISINIA DO POETA
ALEXANDRE DUMAS
VINGANÇA CORSA
A VENDA NO ESCRITORIO DESTA FOLHA

ANNUNCIOS
CAFÉ JEREMIAS
Deposito e fabrica deste especial café moído
216 RUA SEXADOR EUSEBIO 216
BOTEQUIM JEREMIAS
THEATRO VARIEDADES
Tendo de se proceder á reforma do panno-annuncio do theatro Variedades, communicam-se aos Srs. annunciantes que recebem-se desde já pedidos de espaços, por obsequio, na redacção d'este jornal.

BICYCLETES
Faz qualquer concerto com promptidão, barato. Chegou um grande sortimento de accessorios para diversas bicycletos. Esquemas de diversas cores, galvanizado-se ser o mesmo que d'Europa.
Tambem bicycletos novas e pouco usadas, compram-se e vendem-se.
ALBERTO C. KISS & C.
190 Rua da Alfandega 109

Monologos a 200 réis—Pezaria, que debalde varreria da mananã. A moita, sou Antão, Sândalos do norte, Canto do ryam, Ao fim, Lumbô de Marquês, Quando seu bem vai se embora, Vile o lyrio da campina, Coração para ainger, Acha bom mas mora longo, Sefelna, Um maxoço de yaya, O augmento das pringivas na estirna do ferro, Isabella, Al meu bem se eu te não amo, Sobrevive mar de ferro amor, Ohi mulher não sorris, não choras, A primeira do imperio, ebeux, Dequillo, Pezaria, Se para apanhar for viver o martyrio, Tuas almas, apizes, Multidão do espaço, Talvez não cretas, O desleixo, Cioquinhos, se ou lo peitose, O recrutamento, A vida é um sonho, Talvez não cretas, O canto da aranha, A morte do marcial Billeccacci, O bond do Souza Thozza e Marluj, é venda no escriptorio d'esta folha.

Fabrica de sardinhas
SALMOURA
Preparado especial
FABRICA NA PONTA DO CAJU
(Quinta)
Deposito: REA DO CATTETE N. 95
LISBOA & FONTES

Monologos a 200 réis
Os Comarões, o Estudante Alucinado, Jogo Nova, Descalços, Os Proverbios, Cerração no Mar, A Terra das Maravilhas, No Meio, Não Acha—M'aba Senhora 7 O Meu Nartz, Um Proverbio Desmentido, A Hahista.

A venda
NO ESCRITORIO DESTA FOLHA
CHARUTARIA CASTELLÕES
Unica que recebe cigarros S. Luiz do Paratyba—Bahiaecia (Vale); Espirito-Santo do Pinhal—Imperdy; Nitro; Corcholeto.

DEPOSITO DOS CIGARROS ITATIAYA
Guimarães & C.
71 LARGO DO ROSARIO 71
S. PAULO

GONORRHÉAS
Flores brancas (Leucorrhéas)
Curam-se rapidamente em poucos dias, com o xarope e as pilulas de Santos Ferrignos, approvados pelo Exmo. Junta de hygiene, unico remedio que pelo seu composicoção innocua e reconhecida efficacia podem ser empregados sem o menor perigo.
Vendem-se unicamente na pharmacia Bragançina, rua da Uruguitana 103.